

## *A Mesa da Palavra explicada ....*

*Padre Albino Reis*

**Domingo XII do Tempo Comum – Ano C 22.06.2025**

**1ª leitura** – Zacarias 12,10-11;13,1

**Salmo** – Salmo 62 (63)

**2ª leitura** – Gálatas 3, 26-29

**Evangelho** – Lucas 9, 18-24

No Evangelho de hoje, Jesus faz uma pergunta decisiva aos seus discípulos: "Quem dizeis vós que Eu sou?". Não é uma curiosidade de alguém carente de aprovação, aceitação e elogios. É uma interpelação à adesão séria e comprometida com o seu projecto, o projecto, afinal de contas, do Reino de Deus. Jesus quer saber se os discípulos já compreenderam quem Ele é — não pelo que ouviram dizer e contar, mas pela experiência vivencial e pessoal da caminhada que têm feito com Ele.

A resposta vem pela boca de Pedro, o líder do grupo:

- *"Tu és o Messias de Deus."*

E acerta. Mas é curioso que, imediatamente, Jesus proíbe que digam isso a alguém. Porquê? Porque a imagem que eles tinham do Messias era triunfalista, política, guerreira, enquanto o seu messianismo passa pela dor, pela entrega, pelo fracasso aparente, pela Cruz. E Jesus sabe que a cruz escandaliza. Por isso Ele emenda:

- *"O Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado... ser morto e ao terceiro dia ressuscitar."*

A pergunta de Jesus que continua a ecoar até hoje, dirigida a cada um e a cada uma de nós. E continua a interpelar-nos e a sua resposta a chocar-nos. De facto, um Messias que sofre, é rejeitado e morto, que não se impõe com força, mas se entrega por amor continua difícil de aceitar. Queremos um Cristo | Messias que resolva os problemas, que faça milagres rápidos, que nos livre do sofrimento. Não queremos tomar a cruz cada dia para segui-Lo. Incomoda-nos essa condição...

Não compreendemos que não se trata de procurar sofrimento por masoquismo. Trata-se, sim, de deixar morrer em nós o egoísmo, a vaidade, o apego ao conforto e à segurança falsa que nos impede de amar de verdade. A cruz não é castigo. É o preço da fidelidade.

Cristo não promete uma vida fácil, mas uma vida verdadeira. E, no fundo, é isso que desejamos: uma existência com sentido, mesmo no meio das dores. Como Ele ensina:

- *"Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á."*

Perder, aqui, não é anular ou destruir, mas oferecer, doar, entregar. A vida só se encontra quando é doada.

O cristianismo e a nossa condição de cristãos começam, portanto, com uma pergunta pessoal: *"Quem é Jesus para ti?"*

É uma pergunta que exige verdade e compromisso. E a verdade nem sempre é confortável. E o compromisso é sempre muito exigente.

Por isso, a resposta muda tudo. E não pode ser uma resposta teórica ou decorada. Não basta recitar doutrinas... É preciso converter a vida, porque a resposta não está só nos lábios — está na vida.

Li, algures, uma resposta que me agradou muito:

- *"Jesus é o meu caminho, mesmo quando não entendo para onde Ele me leva."*

Eu, baptizado há sessenta e três anos e padre há trinta e sete anos, gosto de responder assim:

- *"Ainda não sei bem quem Ele é para mim, mas quero e estou a descobrir."*

Embora inacabadas, estas respostas são muito mais verdadeiras e sinceras do que repetir fórmulas sem convicção.

Não há, pois, cristianismo sem cruz e ressurreição. Cristo não nos livra da cruz, mas sustenta-nos nela. Se a carregamos com Ele, ela deixa de ser peso morto e se torna caminho de salvação.

Se o Evangelho que hoje ouvimos não nos incomoda e alegra, ao mesmo tempo, algo está errado. Estamos apenas a ouvir a nossa própria voz, não a d'Ele, preferindo um Cristo de conveniência, que nos diga só o que queremos ouvir. Porque ouvi-l'O, sim, custa. Mas vale a pena.